

Jovens portugueses em estágio na China descobrem uma "terra de oportunidades"

Maria e António estão em Xangai há três meses e voltar para Portugal já não está nos seus planos. O programa de estágios "Contacto" deu-lhes a oportunidade de descobrir a China, onde reconstruem hoje sonhos e objectivos. O JTM conta a história destes jovens empreendedores

PATRICIA NEVES*
Em Xangai

Necessidade, iniciativa e espírito aventureiro foi o que levou Maria Sampaio, de 26 anos, e António Jubero, de 27, a concorrerem ao programa português "Contacto", de estágios internacionais. Com empregos em que não se sentiam realizados, estes dois jovens decidiram mudar o rumo das suas vidas e tentar a sorte além fronteiras. O JTM foi descobri-los em Xangai onde ouviu o relato das suas experiências.

Ambiciosos e aventureiros, Maria e António largaram os trabalhos que tinham em Portugal e inscreveram-se no "Contacto" sem saber onde poderiam vir a passar os próximos seis meses. Ultrapassado o processo de selecção, foram informados, pouco tempo antes da partida, que era a China o seu próximo destino.

Maria ficou radiante "porque era para Xangai que queria ir desde o início, pois trabalhava num departamento de compras do Oriente com uma maioria de fornecedores chineses e tinha uma grande curiosidade por aquela cidade". Já António "não tinha preferência para ser colocado em nenhum país em particular", mas ficou "muito contente, porque sabia que Xangai era uma cidade com grande peso a nível internacional", justificou.

Maria que veio de Lisboa e é licenciada em Relações Internacionais confessou que "queria sair de Portugal pela falta de boas oportunidades profissionais no país e pelas condições oferecidas pelo programa Contacto, que não se encontram todos os dias", constata. António completa a ideia: "Um licenciado que recebe 400 ou 500 euros por mês, se fizer as contas, acaba por estar praticamente a pagar para trabalhar e continua a ter de estar financeiramente dependente dos pais".

Natural de Aveiro e licenciado em Administração e Marketing, António considera que "apesar da situação em Portugal ser aquela, os jovens pecam por falta de iniciativa" e defende que não são muitos os que arriscam a partir numa experiência internacional, "muitas vezes por comodismo".

Mas Maria e António arriscaram e estão hoje a estagiar na delegação da AICEP em Xangai até ao Verão. Os dois confessam que pretendem ficar a viver naquela que é a capital económica da China e uma das mais importantes do mundo, como aconteceu com a maioria dos restantes estagiários do "Contacto" que chegaram a Xangai nos últimos três anos e que acabaram por ficar ali a viver.

Maria explica que "gostava de ficar em Xangai pela qualidade de vida, pelas condições de trabalho que se oferecem (no mínimo, o salário de um estrangeiro em Xangai é o dobro do que eu ganharia em Portugal) e pela oportunidade de continuar a trabalhar num ambiente multicultural". No caso de António o alvo já está mesmo definido: "Eu venho da área dos eventos e Xangai vai acolher um grande evento mundial que é a Expo 2010, por isso gostaria de agarrar esse desafio".

Com uma densidade populacional que é o dobro da de Portugal, estes jovens revelam que a adaptação a Xangai foi muito fácil. Maria lembra mesmo a sua primeira reacção: "Onde está a China?", questionou-se. "Via chineses na rua, mas em tudo o resto não se sente a China em Xangai, é uma cidade feita para estrangeiros", constata. António destaca, por exemplo, a existência na cidade de um sistema em que o estrangeiro, que não fale chinês, pode receber por SMS a tradução do nome do local para onde quer ir para mostrar ao taxista.

DESPERTAR DO "GIGANTE". Com a organização dos Jogos Olímpicos e com a resistência que revela à crise económica, a China destaca-se a um ritmo alucinante no panorama internacional e é cada vez mais vista como uma terra de oportunidades para profissionais e empresas. Portugal parece estar a escapar, em parte, a esta tendência, como notam

Maria e António.

Em Xangai a comunidade portuguesa é reduzida. Pelas contas da Maria, os portugueses a viver naquela cidade não devem ser mais de 40 e estes, na sua grande maioria, são jovens até aos 30 anos que chegaram há cerca de três anos. "Não tenho dúvidas que estar aqui é uma grande oportunidade", refere António. "Moçambique, Angola, Cabo Verde, por exemplo, são países que oferecem o que têm, mas a China consegue oferecer cada vez mais", sustenta. Maria considera mesmo que "vai haver uma nova ordem mundial que passará pela China".

Os dois constata, porém, que a maioria dos jovens portugueses não estão a par destas oportunidades, até porque "têm uma ideia errada e um grande desconhecimento sobre a realidade deste país". "Não percebo porque é que a China não consegue melhorar a sua imagem aos olhos do mundo ocidental, algo falha certamente, mas não entendo o quê", confessa Maria Sampaio.

António defende que a "China é o 'gigante adormecido' que está agora a despertar para o mundo e que está aberto ao investimento estrangeiro". Prova disso é a procura desenfreada dos chineses pelas grandes marcas internacionais que, aliada a uma mão-de-obra abundante, de baixo custo e com resultados de produtividade positivos, tem conduzido a um reforço do investimento no Continente nos últimos anos.

Mas à margem deste cenário tem ficado a maioria das empresas portuguesas. António defende que "aquelas não estão preparadas para trabalhar com chineses, que são muito metódicos e cumpridores de horários, prazos e contratos, enquanto que o português aposta mais num 'jogo de cintura' constante". "Estas empresas têm de perceber que na China não podem trabalhar como em Portugal", alerta. Mas Maria destaca ainda outro entrave - a dimensão do tecido empresarial português, com uma maioria de Pequenas e Médias Empresas "sem recursos financeiros e de recursos humanos suficientes para entrarem no mercado chinês".

Mas há sempre excepções. A Cimpor, Lorenz Bell, grupo Amorim, YDreams, BES, BCP, Caixa Geral de Depósitos (BNU), Edinfor, Hovione são apenas alguns casos portugueses de sucesso na entrada na China Continental.

APRENDER CHINÊS. Maria Sampaio e António Jubero aproveitam a oportunidade do estágio profissional na China para aprenderem mandarim. O objectivo é facilitar a comunicação no dia-a-dia em Xangai e, essencialmente, vir a facilitar a sua escolha para uma vaga de emprego no Continente.

A motivação de Catarina Leite, técnica no Consulado de Portugal em Xangai, por outro lado, foi diferente. Catarina, de 33 anos, despertou cedo para o gosto pela aprendizagem do mandarim e para a cultura chinesa no geral. "Tinha 13 ou 14 anos quando fui de férias a Singapura, que tem uma grande comunidade chinesa, e fiquei fascinada com esse mundo, acho que essa viagem coincidiu até com o Ano Novo Chinês", contou ao JTM.

Esse fascínio levou Catarina Leite a rumar até Londres para tirar uma licenciatura e depois um mestrado em chinês. Em 1996, no âmbito do curso, foi pela primeira vez à China, a Pequim, onde ficou a viver e estudar dois anos. No final dos estudos partiu para o Japão e um ano depois, em 2006, chegava a Xangai para trabalhar no consulado português que tinha acabado de abrir portas. Catarina Leite refere que consegue-se aprender a falar e escrever mandarim de forma eficaz em dois anos, "com um estudo intensivo", mas menos que isso só para falar.

"A China é o país com maior população do mundo e o mandarim vai reforçar a sua importância, como já se nota", defende Catarina, sublinhando que "Portugal ainda não acordou para a China". Catarina considera que Portugal deveria aumentar o seu interesse por aquele país, o que poderia passar, por exemplo, "pela



criação de uma licenciatura para quem quiser estudar chinês e a China a sério".

Tal como Maria e António, Catarina também não pensa voltar para já a Portugal. "Por enquanto, o futuro passa por aqui", confessou.

Em Janeiro, o primeiro-ministro português afirmou ao lançar os programas de estágios profissionais no estrangeiro (INOV-ART e INOV-MUNDOS) que o Governo luso pretende contribuir para que Portugal

seja "um país de oportunidades para os jovens".

Críticas ou elogios à parte, pelo menos, esta política de "emigração de talentos" deu a vantagem a várias Marias e Antónios de ganharem "know-how" em mercados líderes em competitividade e a oportunidade de "afirmarem internacionalmente o nome de Portugal", como Sócrates preconiza.

*A jornalista do JTM viajou a convite da Direcção dos Serviços de Turismo